

humanitas

Vol. IV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOL. IV (NOVA SÉRIE, VOL. I)



COIMBRA
MCMLII

O que acabamos de dizer não pretende diminuir o incontestável mérito deste livro de Perret. Apenas apontamos lacunas. Demais, o próprio Autor nos dá razão, na Advertência, quando diz: *il est difficile de tout dire en si peu de pages sur un aussi grand sujet.*

Lu ci ANO RAMOS

Álvaro dos Santos Saraiva de Carvalho — **O latim e a pedagogia.**

Aveiro, 1953. 53 páginas.

De forma alguma podemos considerar infeliz o presente opúsculo, porquanto, se doutros encómios não fosse credor, valia inquestionavelmente pela sua intenção. É mais um contributo em prol do ensino do latim nos liceus, que, em relação ao curso geral, ficou banido, ou quase, pelas disposições do decreto n.º 36507, de 17 de Setembro de 1947.

Em nota preambular, oferece-nos o A. um certo número de considerações de ordem pessoal, algumas das quais não se justificam plenamente em obra de tal índole.

O capítulo inicial «O ensino ameno e útil» está eivado de lugares comuns e o A. propõe-se tratar questões que, praticamente, deixa sem resposta, como a concenente à técnica de tornar ameno e útil o ensino do latim. A palavra «técnica» é muito exigente e não pode ser invocada de ânimo leve. Afiguram-se-nos, todavia, muito acertadas as afirmações a respeito das causas que determinaram bastante animadversão contra o latim, que o A. resume em maus professores e maus métodos. Há que frisar a circunstância de os liceus terem possuído e possuírem actualmente magníficos professores de latim. O A. revela, no entanto, uma pouca sorte, nada invejável, em só haver topado com verdadeiras lástimas durante os largos anos em que frequentou os liceus. Para nós, seria injusto não evocar a saudosa lembrança de António Quintela e de Rodrigo Fontinha, um em Lamego e outro no Porto, verdadeiros modelos de pedagogos, exemplos únicos nos estabelecimentos onde exerciam. Nesta falência transitória do latim, mais que professores e métodos, devem ter influído, parece-nos, os maus programas.

Segue-se o capítulo «Á volta de um inquérito», onde se expendem páginas de interesse sobre as respostas que vários alunos do Liceu Normal deram a um questionário, elaborado pelo A., acerca das vantagens, dificuldades ou simpatia que os mesmos experimentassem no estudo do latim. Oxalá o A. levasse os seus inquéritos mais longe, ultrapassasse o âmbito escolar, porquanto o tema é actual, sugestivo e da maior importância cultural. O latim, em rigor, foi eliminado, não por se

reconhecer a sua inutilidade, mas porque a rotina adulterara a sua verdadeira função.

Finalmente, o capítulo «Recipe» encerra pontos de vista curiosos e alguns planos de lições que reputamos felizes. Discordamos, no entanto, que César seja um autor muito indicado para alunos, e bem menos para alunas, do ensino liceal e julgamo-lo condenável como texto do segundo ciclo. Em boa verdade, é uma obra de tática militar, com muitos passos difíceis. Num armazém de «fogo a queimar homens e povos no entusiasmo e na ânsia de viverem», consoante a frase do A., pouco se nos depara com algum valor educativo e, de resto, o teatro da guerra gaulesa não diz respeito a portugueses. César, efectivamente, deve ser relegado para a mochila de Psychari. A criança gosta de encontrar uma justificação imediata e nítida a condicionar o seu labor mental. Os textos destinados ao ensino liceal precisam ser objecto de larga ponderação e, muitos deles, fabricados ou adaptados, de harmonia com o vigor intelectual e com as necessidades históricas, morais e filológicas do aluno. Compete aos novos professores de Filologia Clássica estabelecer programas, organizar livros e propor métodos que convençam os hesitantes (porque não há incrédulos!) das vantagens indiscutíveis do ensino do latim, que não pode faltar aos alunos do segundo ciclo liceal, enquanto este ciclo for, para a maioria, a meta natural dos seus estudos. E também somos daqueles que defendem a obrigatoriedade do grego para todos os estudantes do terceiro ciclo, pois se torna incompreensível que os alunos do curso complementar de ciências desconheçam inteiramente a base da língua que forneceu os elementos da terminologia especial a que recorrem constantemente. Sem o grego não se pode admitir autêntica cultura geral preparatória, como muito bem observaram Vaughan e Nancrede, professores de Medicina na Universidade de Michigan. É curioso frisar que outro professor de Medicina, o ilustre Reitor da Universidade de Coimbra, Doutor Maximino Correia, asseverou algures, muito judiciosamente, que «onde não há um mínimo de preparação humanística não pode haver uma compreensão cabal da simples nomenclatura científica.»

O opúsculo contém ainda, como «Averbamento», um artigo, que o A. publicara em «O Debate», impugnando o conceito de humanismo que fora defendido por certo «autor de um folheto encarnado — vermelho no título da capa e mais, muito mais vermelho no lastro do bojo». É maneira insólita de referenciar seja que obra for.

Queira o A. persistir na rota que segue, emprestando, porém, aos seus escritos desta natureza, um pouco mais de unidade, impessoalidade e profundidade, sem deixar de se inteirar da bibliografia existente sobre os assuntos que versa.